

A construção da narrativa por lideranças sociais no desastre socioambiental da Braskem em Maceió¹

Anne Karollyne Santos da SILVA²
Emanuelle Gonçalves Brandão RODRIGUES³
Universidade de Alagoas – UFAL

Resumo

Este trabalho analisa a construção das narrativas produzidas pelas lideranças sociais sobre o desastre socioambiental ocorrido em Maceió a partir de 2018, causado pelas atividades da mineradora Braskem. Com base na perspectiva teórica de Díaz (1999), investiga-se de que maneira as narrativas influenciam na produção de significados, por meio da configuração de personagens narrativos e do uso de marcadores simbólicos. A análise abrange tanto entrevistas com líderes comunitários, quanto conteúdos por eles publicados em redes sociais, observando como essas narrativas constroem um discurso de denúncia, resistência e luto frente ao crime ambiental. O estudo contribui para a compreensão dos mecanismos pelos quais sujeitos coletivos constroem sentidos em contextos de crise, destacando o papel das lideranças sociais na disputa por reconhecimento, justiça e memória.

Palavras-chave: Braskem; narrativas; lideranças sociais; desastre socioambiental; construção de sentido.

Introdução

A partir do final da década de 1960, com o apoio do poder público durante a Ditadura Militar (1964-1985), passou-se a incentivar grandes projetos industriais e extrativistas como forma de impulsionar o desenvolvimento econômico em Maceió. Foi nesse contexto que se instalou a Salgema Indústrias Químicas S.A. em Alagoas, que em 2002 se tornou Braskem, dando ênfase à exploração de sal-gema no subsolo dos bairros da capital e consolidando-se como uma das maiores petroquímicas da América Latina. Entretanto, por trás do crescimento industrial, desenvolveu-se um processo contínuo de degradação ambiental, marcado pela extração intensiva e pela negligência dos riscos socioambientais associados.

¹ Trabalho apresentado na IJ03 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º período do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, email: anne.karollyne@ichca.ufal.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação, Professora e Coordenadora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, email: emanuelle.rodrigues@ichca.ufal.br.

Em 2025, completam-se sete anos desde o surgimento das primeiras fissuras e rachaduras em bairros de uma região de Maceió-AL, que compreende os antigos bairros Pinheiro, Farol, Mutange, Bebedouro e Flexais. Esses sinais, inicialmente tratados pelo poder dominante como fenômenos naturais isolados, revelaram-se posteriormente como consequência direta da atividade mineradora da Braskem. O colapso geológico resultante levou ao esvaziamento forçado desses bairros, afetando a vida de milhares de pessoas e provocando impactos não apenas materiais, mas também sociais e emocionais.

Neste cenário de ruptura, emergiram lideranças sociais como agentes centrais na elaboração de sentidos sobre o acontecimento, que França (2012) explica como um evento capaz de irromper de forma abrupta um cotidiano e afetar as pessoas ao seu redor. Partindo da dualidade acontecimental da autora, Rodrigues et al. (2024) vão se referir o caso da Mina 18, por exemplo, como um acontecimento comunicativo, o que podemos ampliar para o desastre quando surgem as primeiras rachaduras. Isso porque a dualidade se expressa em “duas vidas”: a primeira existencial e concreta, quando o fato é vivido, e a segunda narrativa, quando adquire um corpo simbólico (França, 2012). Isso “implica que todo acontecimento possui uma dimensão prática e comunicacional intrínseca” (Rodrigues et al, 2024, p. 3).

São essas figuras que, ao assumir posições de fala pública, mobilizam reivindicações em torno do que foi vivido. Parte dessas lideranças está vinculada a movimentos da sociedade civil organizada que, desde os primeiros momentos do desastre, têm atuado na articulação de denúncias e na luta por direitos das comunidades atingidas. Sua atuação não se restringe apenas à dimensão de representação formal, mas, ao narrar o desastre, esses sujeitos constroem um campo simbólico de resistência, no qual a linguagem opera como mediação entre o trauma vivido e a produção de novas formas de reconhecimento e pertencimento.

Com base na proposta teórica de Díaz (1999), que compreende os personagens narrativos como construções simbólicas que expressam e organizam experiências sociais, este estudo interpreta essas figuras não apenas como vítimas ou porta-vozes, mas como sujeitos que disputam ativamente os sentidos do desastre por meio da construção de narrativas públicas.

A teoria da narrativa de Ricoeur (2010) contribui para compreender o processo de construção da narrativa, ajudando-nos a refletir sobre como o sujeito interpreta sua experiência, reelabora o passado e projeta sua identidade no mundo social através do ato de narrar. Nesse sentido, as falas produzidas por essas figuras não são apenas relatos, mas práticas discursivas que articulam passado, presente e futuro dentro de uma estrutura comum de relato. Ao narrar o desastre, essas pessoas reescrevem as histórias das vítimas afetadas e se contrapõem às versões hegemônicas que tendem a despolitizar os impactos causados pela mineração.

Este estudo parte da compreensão de que os efeitos do colapso ambiental extrapolam a destruição física e implicam disputas contínuas por reconhecimento. Trata-se de um recorte dos resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculada ao curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas. As entrevistas em profundidade, realizadas com esses agentes comunitários, assim como a análise de suas publicações no Instagram, revelam o esforço de transformação do sofrimento em linguagem compartilhada, capaz de promover mobilização, engajamento e articulação coletiva. Ao reposicionarem os sujeitos como protagonistas da reconstrução de seus territórios, essas narrativas tensionam os discursos oficiais e destacam a linguagem como elemento central na construção de uma memória social resistente.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na proposta teórico-metodológica de Díaz (1999), que compreende as narrativas sociais como lugar de construção de identidade e disputa simbólica. A análise parte da premissa de que os líderes sociais envolvidos nos conflitos em torno das atividades da mineradora mobilizam elementos narrativos para afirmar identidades, não unicamente como vítimas, mas como representantes de um grupo social, reivindicar legitimidade e tensionar discursos hegemônicos.

Para isso, recorre-se à hermenêutica de Ricoeur (2010; 2014), que compreende a narrativa como mediação entre a experiência vivida e a memória, permitindo pensar a narrativa não apenas como relato, mas como forma de agir sobre o mundo. Nesse sentido, narrar é reorganizar o vivido, reinterpretar, produzir memória e trazer à tona

versões públicas sobre o acontecimento. A identidade, nesse processo, é concebida como construção narrativa em movimento, constituída na articulação entre a experiência individual e os marcos coletivos de sentido.

O corpus da pesquisa é composto por duas frentes principais: 1) as falas de lideranças sociais diretamente afetadas pelo desastre e 2) as postagens realizadas por esses mesmos sujeitos no Instagram, no período de outubro de 2024 a maio de 2025.

As entrevistas deste estudo seguiram a abordagem compreensiva de Kaufmann (2013), que entende a narrativa como uma reorganização simbólica da experiência. Nesse contexto, a entrevista é um espaço de escuta sensível, onde o sujeito ressignifica sua trajetória e dá forma ao sofrimento. Reconhecendo a narrativa como situada e atravessada por aspectos emocionais, sociais e históricos, a escuta atenta foi essencial para compreender como os afetados constroem seus relatos e se posicionam diante do desastre. Com isso, foi possível acessar camadas profundas das experiências das lideranças, revelando não só denúncias, mas também formas de resistência, reconstrução identitária e luta por reconhecimento expressas na linguagem.

Já a análise das postagens no Instagram teve como objetivo complementar as entrevistas em profundidade, permitindo observar como as lideranças se posicionam publicamente diante do desastre. As redes sociais tornaram-se espaços estratégicos de visibilidade e mobilização. As publicações evidenciam a tentativa de produzir sentidos compartilhados sobre o ocorrido. Nelas, é possível identificar um uso consciente da linguagem para disputar narrativas, sensibilizar a opinião pública e pressionar autoridades. Assim, as postagens analisadas revelam a atuação dessas lideranças como sujeitos políticos que seguem organizando formas de resistência e reivindicando justiça por meio da exposição e da circulação de suas próprias versões dos fatos.

Sob o viés das categorias propostas por Díaz (1999), as narrativas das lideranças foram organizadas em torno de três categorias simbólicas recorrentes: 1) família, 2) fé e 3) luta. Esses eixos operam como estruturas de sentido que atravessam as falas, revelando como os sujeitos produzem coerência em meio ao deslocamento forçado, ao rompimento de vínculos e à incerteza.

Para aprofundar a compreensão sobre a atuação narrativa dessas lideranças sociais, é relevante considerar a proposta de Rodrigues (2022) sobre a Hermenêutica Dialética das Narrativas. Segundo a autora, os relatos biográficos não devem ser

compreendidos apenas como testemunhos individuais, mas como produções de sentido que emergem da articulação entre a experiência subjetiva e os contextos sociais mais amplos nos quais estão inseridos. As entrevistas e postagens analisadas evidenciam justamente essa dinâmica: nelas, o passado é revisitado e reconfigurado, o presente é narrado em tom de denúncia e mobilização, e o futuro é projetado como um horizonte de justiça.

Dessa forma, a metodologia adotada permite compreender como as lideranças sociais elaboram narrativas que ultrapassam a esfera do relato pessoal e assumem função central na construção pública do acontecimento. Embora diretamente impactadas pela mineração, essas lideranças ocupam uma posição singular: vivem as consequências do desastre ao mesmo tempo em que se colocam como mediadoras das demandas coletivas. Ao narrar o desastre, essas lideranças não apenas inscrevem suas experiências na história, mas também tensionam versões hegemônicas, reorganizam sentidos e reafirmam sua presença como sujeitos ativos na cena do conflito.

Fundamentação Teórica

Na obra Guattari (1990), é proposto uma reflexão sobre a crise contemporânea a partir da articulação entre três esferas inseparáveis: a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental. Essa teoria é especialmente relevante para compreender os impactos do desastre provocado pela Braskem, que não se restringem à degradação do espaço físico e natural, mas atravessam o tecido social e atingem profundamente a dimensão subjetiva dos atingidos. O colapso dos bairros, o deslocamento forçado das famílias e o rompimento dos vínculos afetivos configuram uma devastação ecológica no sentido amplo proposto pelo autor. Assim, pensar o desastre de Maceió sob a perspectiva das ecologias de Guattari permite vislumbrar que a luta das lideranças é, também, uma luta por reequilibrar as formas de habitar o mundo, de forma física, social e simbólica.

A partir da perspectiva de Díaz (1999), compreendemos esses sujeitos como personagens narrativos centrais. Para o autor, ao narrar acontecimentos, é construído versões de si e do contexto em que se encontram inseridos. Essas versões mobilizam elementos simbólicos que atuam em um campo social e discursivo atravessado por conflitos de memória, autoridade e poder. Com isso, observa-se a mobilização de

marcadores simbólicos citados. Esses elementos não apenas estruturam as narrativas, como também dão forma à identidade coletiva em constante transformação.

Nesse panorama, a hermenêutica de Paul Ricoeur (2010, 2014) fornece o arcabouço teórico para compreender esse processo como um trabalho de identidade narrativa. Para o autor, os personagens constituem o “si mesmo” ao contar e recontar suas experiências, em diálogo constante com o outro e com os marcos históricos e simbólicos que os cercam. A narrativa, assim, não se limita à representação: é forma de elaborar a experiência vivida e produzir sentido diante do evento. É por meio dela que as lideranças constroem suas identidades antes e depois do desastre socioambiental, transicionando entre o lugar de vítima e o lugar da ação.

Assim, as lideranças afetadas pelo desastre da Braskem não apenas relatam os acontecimentos, mas transformam o ato de narrar em uma prática política que reivindica reconhecimento e reconfigura a memória coletiva. Suas narrativas articulam vivências subjetivas aos marcos estruturais do colapso, produzindo sentidos que fortalecem a identidade comunitária e mobilizam resistência.

Principais Resultados

Diante dessa análise, as vozes que foram ouvidas durante esse estudo não se limitam a relatar somente as perdas, elas tensionam as narrativas hegemônicas e reescrevem o desastre em uma gramática própria. Ou seja, o objetivo não é apenas relatar perdas ou sofrimentos, mas pautar os significados do desastre, preservar a memória coletiva e afirmar o direito de contar a própria versão dos fatos. A linguagem, nesse contexto, atua como ferramenta de construção simbólica e de posicionamento político, permitindo que os sujeitos intervenham nos sentidos produzidos sobre o acontecimento.

A escolha das categorias simbólicas, fundamentada em Díaz (1999) emergiram da análise dos relatos das lideranças, a partir da recorrência de determinadas falas e significados atribuídos aos eventos vividos. As falas dos entrevistados evidenciaram padrões simbólicos, revelando núcleos de sentido compartilhados. Assim, conforme a abordagem do autor, essas categorias funcionam como operadores simbólicos que organizam a experiência e a memória, permitindo aos sujeitos construir uma narrativa coerente frente à descontinuidade vivida.

A família aparece como núcleo afetivo e moral, constituindo-se como a primeira referência de pertencimento no relato dos entrevistados. Mais do que um elo sanguíneo, o termo “família” é evocado como um sinônimo de amparo, resistência e reconstrução diante do colapso físico dos territórios. Ao narrar as perdas, muitas lideranças não se referem apenas à perda material da casa, mas à fragmentação de uma rede de convivência que organizava a construção das memórias coletivas. A escolha desse marcador simbólico partiu da recorrência de falas que revelam o impacto emocional da separação forçada de familiares, vizinhos e amigos. Um exemplo é a fala de Aline ⁴, que declarou:

“A gente tinha uma vida comunitária muito forte no bairro de Bebedouro. Havia uma rede de apoio muito sólida, formada por familiares, amigos e vizinhos. Os vizinhos eram como família. Você deixar um local onde você tinha todas as suas referências, suas raízes, vínculos muito fortes criados com a comunidade... Então, foi muito difícil. Nós saímos porque realmente não tínhamos outra escolha”.

Esse marcador, portanto, evidencia não apenas a desintegração de estruturas familiares e redes de convivência que sustentavam o cotidiano dos bairros atingidos, mas também o trauma coletivo provocado por essa ruptura.

A fé, por sua vez, figura como um pilar simbólico e espiritual que fornece sentido diante da catástrofe e sustenta a continuidade da vida. No entanto, esse marcador também foi atravessado por instabilidades. As igrejas dos bairros atingidos foram gradativamente esvaziadas, à medida que os fiéis eram removidos de seus territórios, o que impactou diretamente as práticas religiosas e a vivência da espiritualidade no cotidiano (TECLA1, 2023). Esse abalo é perceptível nos relatos das lideranças entrevistadas, que expressam uma fé tensionada entre o consolo espiritual e a perda dos espaços coletivos de oração, como exemplifica Emanuel: *“De cada 10 pessoas que frequentava nossa Igreja [Igreja Batista do Pinheiro], 6 moravam em outras localidades, mas 4 moravam lá. Ou seja, 40% do público foi embora”*. Ainda assim, a fé atua como elo de mobilização comunitária, seja por meio de práticas religiosas partilhadas, seja pela linguagem simbólica que conecta a experiência individual ao coletivo, oferecendo uma cosmologia que dá inteligibilidade ao sofrimento.

⁴ Os nomes utilizados para identificar as falas dos participantes são fictícios, adotados com a finalidade de assegurar o anonimato dos sujeitos da pesquisa, em conformidade com os princípios éticos.

Já a luta se configura como o marcador que projeta a ação política para o presente e o futuro. Ela emerge como uma resposta ativa à injustiça e como ferramenta de visibilização dos sujeitos historicamente silenciados. A recorrência deste marcador nas entrevistas evidenciou o engajamento contínuo das lideranças em ações coletivas e denúncias públicas, mesmo diante do cansaço e da desinformação institucional. Mário, ao ser perguntado sobre a motivação para se tornar um porta-voz da sua comunidade, declarou:

“Eu esperava que os políticos tomassem iniciativa, não tomaram. Que lideranças formais das associações tomassem iniciativa, foram todas cooptadas. Então você vê a sua família sofrendo, suas empresas quebrando e você fica calado? Eu não queria estar aqui, mas se a gente não falar, quem vai falar? Quem vai correr atrás da justiça que nos foi violentamente tirada?”.

A luta é, portanto, o ponto de convergência entre a dor e a resistência, uma prática de cuidado político que transforma o sofrimento em potência coletiva e organiza os discursos que exigem memória, justiça e reparação.

As lideranças entrevistadas constroem, por meio de suas falas e postagens, uma identidade narrativa marcada pela oscilação entre a dor do deslocamento e a persistência da ação coletiva. A análise mostrou que essas vozes não reivindicam apenas reparação material, mas também o reconhecimento de que houve crime ambiental causado pela Braskem. Como propõe Rodrigues (2022), a HDN permite interpretar os relatos biográficos não como narrações isoladas, mas como produções de sentido atravessadas por estruturas de poder, disputas sociais e marcas do tempo. Assim, as narrações dessas figuras são mais do que testemunhos: são práticas discursivas que constroem possibilidades de existência em meio à desestruturação provocada pelo colapso territorial.

As entrevistas e as postagens analisadas revelam a complexidade do discurso dessas figuras centrais na mobilização comunitária. Por meio de depoimentos detalhados e narrativas compartilhadas nas redes sociais, observou-se que as lideranças combinam elementos pessoais e coletivos para construir uma narrativa multifacetada, que dialoga tanto com suas experiências cotidianas quanto com estratégias políticas mais amplas.

As falas destacam dor e perda, mas também a mobilização e a busca por reconhecimento. Já as postagens ampliam essas narrativas no espaço digital,

fortalecendo uma identidade coletiva marcada pela luta contra a negligência. Esse intercâmbio entre o presencial e o virtual reforça o papel das lideranças como mediadoras simbólicas, capazes de ressignificar o desastre e tensionar os discursos oficiais.

Assim, a análise mostra que o enfrentamento do desastre envolve não só superar os danos materiais, mas também uma profunda rearticulação da identidade e da ação política coletiva, essencial para fortalecer a resiliência e a capacidade de atuação das comunidades impactadas.

Conclusão

Dessa forma, torna-se evidente que o desastre provocado pela Braskem não se restringe a uma catástrofe geológica ou técnica, mas se configura como um evento simbólico de desestruturação profunda que atinge múltiplas dimensões da vida social dos moradores de Maceió. Mais do que contabilizar prejuízos materiais, trata-se de compreender como o colapso provocado pela mineração reverbera nas formas de pertencimento, nos vínculos comunitários e nas narrativas identitárias das populações atingidas.

A partir dos estudos de Díaz (1990) e Ricoeur (2010;2014), torna-se possível compreender que a linguagem, nesse contexto, deixa de ser apenas uma forma de expressão e passa a ser instrumento de reconstrução do sentido da perda, da memória dos territórios e do próprio sujeito. O discurso torna-se o lugar onde o colapso é recontado.

Com isso, compreende-se que o desastre da Braskem permanece em curso — não apenas em sua materialidade geológica, mas nas tramas discursivas que atravessam as vidas afetadas. A ausência do Estado, o abandono das políticas públicas e a permanência de estruturas coloniais no modelo extrativista intensificam esse processo de vulnerabilização. Nesse contexto, narrar a tragédia é um ato de resistência. É nesse ato que as lideranças sociais reafirmam suas comunidades como sujeitos de direitos e não apenas como objetos da tragédia.

Assim, a luta pelo reconhecimento das vozes atingidas configura-se também como uma disputa por soberania narrativa. A justiça, nesse contexto, não pode restringir-se às esferas jurídica ou econômica; ela implica o reconhecimento da

memória, da escuta e da dignidade da palavra. Reconhecer as lideranças sociais como agentes centrais dessa narrativa coletiva é compreender que a reconstrução do tecido social afetado depende da legitimação de suas histórias nos processos de reparação e memória. A verdade do desastre não reside apenas nos documentos técnicos, mas nas vozes que persistem em não serem silenciadas.

Referências

CAVALCANTE, JOALDO. **Sal-gema: do erro à tragédia**. 1. ed. São Paulo: Amazon, 2023. Acesso em: 06 dez. 2024.

DÍAZ, R. **Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodologica**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 37-58, 1999.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. *GALÁXIA. Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura*, São Paulo, n. 24, seções **Abertura**, p. 10–21, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 16 jun. 2025

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Mariza Corrêa. Petrópolis: Vozes, 2013

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como outro**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RODRIGUES, E. G. B. **Hermenêutica dialética das narrativas: uma proposta de análise de biografias**. *Esferas*, v. 1, n. 25, p. 137 - 159, 17 nov. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43288>. Acesso em: 14 fev. 2024.

RODRIGUES, E; PIMENTA, L; NUNES, S. **Braskem, o colapso e os públicos: a mina 18 como acontecimento**. *Esferas*, v. 3, n. 31, p. 1-27, 2024. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/15302>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TECLA1. **Tragédia da Braskem: mais de 50 mil pessoas, 4.500 comércios e igrejas foram afetados**. 3 dez. 2023. Disponível em: https://tecla1.com.br/tragedia-da-braskem-mais-de-50-mil-pessoas-4-500-comercios-e-igrejas-foram-afetados/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 jun. 2025.